

Leituras do Brasil na crônica de Vera Duarte

Inara de Oliveira Rodrigues¹

Silvia Niederauer²

Resumo:

A relevância da literatura brasileira para as literaturas africanas de língua portuguesa é ponto consensual em todas as abordagens sobre o tema. Essa referencialidade também se faz presente no mais recente livro de crônicas da escritora cabo-verdiana Vera Duarte, *A palavra e os dias* (2013), no qual se destaca a seção “Brasil”, subintitulada “Nação irmã”. Assim, neste trabalho, apresentam-se as leituras da referida escritora sobre nosso país na obra citada, sublinhando-se as aproximações histórico-culturais e, mais precisamente, literárias que estabelece entre a produção brasileira e a de Cabo Verde. O estudo, de caráter eminentemente bibliográfico, situa-se no campo teórico-crítico do comparatismo prospectivo e pretende contribuir com as pesquisas que (re)afirmam a necessidade de uma cada vez maior reciprocidade cultural entre os países de língua portuguesa.

Palavras-chave: Literatura cabo-verdiana. Narrativa. Comparatismo prospectivo.

*Eu gosto de você, Brasil,
porque você é parecido com a minha terra.[...]
E o seu povo que se parece com o meu, [...]
É a alma da nossa gente humilde que reflète
A alma da sua gente simples, [...]
Eu gostava enfim de o conhecer de mais perto
e você veria como é que eu sou bom camarada [...].
(Jorge Barbora – “Você: Brasil”).*

Ao considerar-se a especificidade da crônica enquanto gênero narrativo, deve-se ter em vista sua dimensão dialógica e interpelativa, cujo maior ou menor distanciamento com a realidade factual não implica a ausência da subjetividade do cronista. Essa marca subjetiva reveste-se, via de regra, de estratégias literárias que se revelam de diferentes formas no texto operando o entrecruzamento do real com a dimensão literária e, nesse intercâmbio reside, justamente o caráter híbrido da crônica.

De igual modo, também a temporalidade é uma questão recorrente quando se trata de buscar definições ao gênero. A partir de sua própria terminologia, as marcas temporais da

¹Professora Doutora do Curso de Letras e do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus/BA), coordenadora do Grupo de Pesquisa Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas (CNPq/UESC).

² Professora Doutora do Mestrado em Letras da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI- FW/RS), integrante do grupo de pesquisa Figuras da Ficção, coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Reis, da Universidade de Coimbra - Portugal.

crônica se, por um lado, afirmam sua historicidade, na medida em que está plantada no real imediato em seu movimento dinâmico, por outro, apontam para a fugacidade, para a própria efemeridade do texto. Essa efemeridade torna-se mais fortemente percebida quando o suporte do gênero é o jornal, ou revista, meios impressos ou digitais de rápida e massiva divulgação. Nesse caso, o texto narrativo associa-se, em geral, às demais matérias e à própria diagramação do periódico, aumentando sua circunstancialidade.

Entretanto, a relativa transitoriedade da crônica não diminui sua qualidade informacional e estética, uma vez que o cronista, ao colocar em ação os elementos narrativos/constitutivos do gênero, torna-se capaz de recriar o real, de forma imaginativa e elaborada. Dessa forma, o coloquialismo alia-se ao literário, ultrapassando qualquer simplificação de linguagem e de estilo, permitindo uma reflexão crítica sobre o mundo. Além disso, ao cronista sempre corresponde uma certa perspectiva “pedagógica, de contornos ideológicos, mais ou menos marcados, recorrendo normalmente a um discurso acessível e centrado na atualidade” (REIS, 1994, p. 88). A preocupação com a atualização permanente dos textos acaba por gerar uma multiplicidade de temas, procurando dar conta da igual multiplicidade dos vários aspectos da vida, difundidos a um público que se quer cativar e ampliar cada vez mais.

A partir do momento em que é compilada em livro, contudo, a crônica resgata sua perenidade, e permite, assim, uma leitura mais atenta e profícua:

Nessa mudança de suporte, que implica a mudança de atitude do [receptor], a crônica sai lucrando. As possibilidades de leitura crítica se tornam mais amplas, a riqueza do texto, agora liberto de certas referencialidades atua com maior liberdade sobre o leitor – que passa a ver novas possibilidades interpretativas a partir de cada releitura (SÁ, 1987, p.85).

Diante dessas considerações, afirmando-se a importância da crônica como tecido narrativo capaz de instigar, em profundidade, reflexões sobre a realidade com a qual dialoga, selecionou-se, para análise, o livro de crônicas *A palavra e os dias* (2013), da autora cabo-verdiana Vera Duarte, no qual se destaca a seção “Brasil”, subintitulada “Nação irmã”. Propõe-se apresentar as leituras da referida escritora sobre nosso país na obra citada, sublinhando-se as aproximações histórico-culturais e, mais precisamente, literárias que estabelece entre a produção literária brasileira e a de Cabo Verde e, considerando-se, ainda a importância de seus textos para reflexões atuais sobre as perspectivas políticas desses países.

Brito-Semedo, escritor cabo-verdiano, em postagem no seu blog, datada de 11 de abril de 2011, para apresentar o livro *Crônicas que a vida conta*, do também escritor cabo-verdiano Daniel Medina, explica que:

Em Cabo Verde, existe uma longa tradição de crônicas veiculadas pela imprensa escrita, cultivadas pelos nossos melhores jornalistas e escritores, nomeadamente Eugénio Tavares (Brava, 1867-1930), José Lopes (S. Nicolau, 1872-1962) e Afro, ou melhor, Pedro Cardoso (Fogo, 1890-1942), mantendo-se até aos nossos dias, de que Daniel Medina é um exímio cultor.

Dentre as escritoras, destacam-se, além de Vera Duarte, também Fátima Bettencourt, ambas poetisas e, no caso da primeira, também romancista. No prefácio de *A palavra e os dias*, a professora Christina Ramalho explica que os textos selecionados para essa antologia foram publicados pela autora na revista cabo-verdiana *Mudjer*, foram “faladas na Rádio Cabo Verde, além de inéditas, algumas delas inclusive escritas para compor esse livro” (p. 10). A obra foi dividida em oito seções, com desigual número de crônicas em cada uma, correspondendo aos “principais campos semânticos abordados por Vera em sua trajetória como cronista” (p. 14). São elas: “As ilhas, um país”; “As mulheres”, “Outras lutas”, “Educação”, “Brasil”, “Espelhos”, “A casa”, e “Crônica”. Nessa reunião, as narrativas compõem um painel da realidade cabo-verdiana que vai, de maneira não cronológica, dos anos de 1982 a 2012, e é intermediado com poemas da autora.

Aqui, necessariamente de forma sintética, serão abordadas algumas dentre as dez crônicas que compõem a subseção “Brasil”, que a autora abre com o seguinte poema:

Ode ao Brasil

*Tu és Vera Cruz
E abraçada a ti
Meu sangue saheliano
Se vivifica
E me transporta
Do Amazonas a Salvador
De aparecida ao Ceará*

*Ah Brasil terra de morabeza
Deixa que estas ilhas africanas
Jangada de pedra à deriva
Em busca da perdida atlântida
Se acostem
A tua africana ancestralidade
E entre a baía das gatas
E a foz do Iguaçu
Entre Santa Catarina altiva
E a São Paulo desmesurada
Se entretêm
As estradas
Da nossa fraternidade*

(Vera Duarte)

Do chamamento que vem de um passado colonial em comum (“Tu és Vera Cruz”) para o deslocamento às paisagens brasileiras vividamente sentidas, a voz lírica exalta o Brasil como “terra de morabeza”, expressão cabo-verdiana que, entre tantos possíveis sentidos, pode ser entendida como terra de acolhimento, de afabilidade e gentileza. Buscando a proximidade dos dois países, Brasil e Cabo Verde, a poeta assinala a “africana ancestralidade” que estreita, entre ambos, estradas e laços de solidariedade, e esta será, sem dúvida, a tônica desse seu livro de crônicas.

Nesta sintética abordagem, o critério central de seleção das narrativas de *A palavra e os dias* foi a maior ou menor adesão dos textos a sentidos que ligam os dois países pelo recorte da cultura e da literatura. Desse modo, inicia-se pela nona crônica: “As literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) no currículo escolar brasileiro”. Como abertura do texto, Vera Duarte confessa sua paixão pela cultura brasileira:

Bebi ‘Brasil’ desde tenra idade, nas páginas de Jorge Amado de *Capitães de areia e Subterrâneos da liberdade* que, literalmente, embalaram nossos sonhos de liberdade, na sedutora Helena de Machado de Assis e nos versos de Manuel Bandeira, entre muitíssimos outros poetas e escritores brasileiros (p. 143).

Esta confissão remete muito diretamente ao texto “Sonhar em casa” (2011), do escritor moçambicano Mia Couto, que revela a intensa importância de Jorge Amado, sobretudo, mas também de Graciano Ramos e Manuel Bandeira, entre tantos outros, para a literatura e cultura dos países africanos de língua portuguesa de modo geral:

Nas décadas de 50, 60 e 70, os livros de Jorge cruzaram o Atlântico e causaram um impacto extraordinário no nosso imaginário coletivo. É preciso dizer que o escritor baiano não viajava sozinho: com ele chegavam Manuel Bandeira, Lins do Rego, Jorge de Lima, Erico Veríssimo, Raquel de Queiroz, Drummond de Andrade, João Cabral Melo e Neto e tantos, tantos outros (2011, p. 62).

Sequencialmente, o autor moçambicano cita o grande poeta Craveirinha, que chegou a escrever: “Numa dada altura, [...] nós nos libertámos [dos clássicos portugueses] com a ajuda dos brasileiros. E toda a nossa literatura passou a ser um reflexo da Literatura Brasileira. Quando chegou o Jorge Amado, então, nós tínhamos chegado a nossa própria casa” (p. 66-67). Nunca é demais retomar o final emocionado e emocionante desse ensaio de Mia Couto:

Craveirinha falava dessa grande dádiva que é podermos sonhar em casa e fazer do sonho uma casa. Foi isso que Jorge Amado nos deu. E foi isso que fez Amado ser nosso, africano, e nos fez, a nós, sermos brasileiros. Por ter convertido o Brasil

numa casa feita para sonhar, por ter convertido a sua vida em infinitas vidas, nós te agradecemos companheiro Jorge (COUTO, 2001, p. 67).

Por certo, são muitos os estudos que apontam essa “influência” importante que os escritores brasileiros exerceram sobre as literaturas dos PALOP, dentre os quais, apenas para fins de exemplaridade, refere-se o de Tania Macedo, intitulado “A presença da Literatura Brasileira na formação dos sistemas literários dos Países Africanos de Língua Portuguesa” (2014). Mais diretamente, a pesquisadora debruça-se sobre Angola, Moçambique e Cabo Verde e, a respeito desse último, cita uma importante afirmação de Simone Caputo Gomes:

Ao assumir a afinidade com o Brasil e sua cultura mestiça e autônoma, os escritores claridosos – em processo de emergência da consciência cultural e nacional [...] evidenciaram a sua determinação em refletir-se em (e por meio de) outros espelhos mais próximos, porque detentores de um itinerário igualmente colonizado (GOMES, 2008, citada por MACEDO, 2012, p. 474).

Apresentando dados e aprofundando a reflexão sobre o tema, Tania Macedo conclui sobre a relevância da literatura brasileira para os autores africanos de língua portuguesa: eles “[...] construíram, a partir do diálogo com textos e autores do Brasil, literaturas capazes de exprimirem a sua singularidade.” (2012, p. 246).

No caso da nona crônica em destaque, a autora narra o quanto também conhece das paisagens brasileiras, do sudeste ao nordeste, e afirma seu intenso amor pelo Brasil e seu povo. Além disso, Vera Duarte sublinha o quanto esse amor tem sido recíproco, considerando suas viagens mais recentes ao Rio de Janeiro:

Descobri, nesses dias, [...] que há cada vez mais brasileiros que amam Cabo Verde e a sua literatura e que a ela vêm dispensando um carinho e um interesse cada vez maior. Esse interesse revela-se no estudo cada vez mais sistemático e científico do que nestas ilhas atlânticas se escreve, em diversas Universidades, em artigos, teses de mestrado e doutoramento, sendo já bastante apreciável o volume e a qualidade do que se vem produzindo sobre vários autores cabo-verdianos. (p. 144).

A autora faz questão, sequencialmente, de citar os nomes de duas professoras brasileiras, a já citada Simone Caputo Gomes e Carmem Lúcia Tindó Ribeiro (ambas da UFRJ) como pioneiras nesse processo de divulgação e estudo da literatura de Cabo Verde. E cita, ainda, os nomes de Abdala Júnior, Laura Padilha, Aparecida Santili, entre outros estudiosos brasileiros a contribuírem de forma relevante nesse mesmo processo.

A crônica tem a data de novembro de 2005: dois anos antes havia sido promulgada a Lei 10.639 pelo Presidente Lula, que tornou obrigatório o estudo da história e cultura africanas e afro-brasileira nas escolas, e esse esforço é reconhecido pela autora como muito importante:

Trata-se, sem dúvida, de uma lei de resgate da memória africana no Brasil, mas trata-se também de uma porta grande por onde se poderá fazer a entrada dos conteúdos sobre África de que a criatividade, ousadia, generosidade e competência forem capazes (p. 147).

Na conclusão, afirma a relevância desse processo de conhecimento recíproco entre os países africanos, de modo geral, e o Brasil: “Afim, é o Atlântico cumprindo a sua vocação histórica de estrada cultural de levar e trazer” (p. 148).

Retomando a ordem de apresentação dos textos de *A palavra e os dias*, a primeira crônica desta subseção que trata do Brasil realça a importância das amigas brasileiras que Vera Duarte possui, com absoluto destaque para suas colegas de academia, como a professora Cristina Ramalho e as já citadas Simone Gomes e Laura Padilha. Ao enaltecer a generosidade de suas amigas brasileiras, o texto encerra-se com a afirmação de que os sentimentos são recíprocos em Cabo Verde “onde o Brasil é considerado um verdadeiro país irmão” (p. 127).

Na crônica seguinte, “Brasil”, a autora narra suas andanças por universidades brasileiras, seu contentamento em participar de debates sobre “a voz das mulheres na literatura”, exaltando, entre outras pessoas que conheceu, “essa mulher extraordinária que é a Conceição Evaristo, que ilustra bem o longo percurso que os afrodescendentes têm vindo a cumprir para a sua plena integração na sociedade brasileira”.

E conclui:

Cesária Évora canta que Cabo Verde é um brasilin, mas como disse o antigo embaixador brasileiro em Cabo Verde, Vitor Gobato, o Brasil é que é um imenso, continental e rico Cabo Verde. (p. 128).

Na terceira crônica desta subseção, intitulada “Mulheres que brilham”, a autora põe em relevo a figura da Presidenta Dilma, “que lutou pelos seus ideais, esteve presa, sofreu e superou doenças” e vem, (o texto é de 2012) traçando um governo voltado ao combate das injustiças sociais, com políticas afirmativas de igualdade racial e de gênero. Esse reconhecimento internacional, ao que tudo indica por várias fontes publicamente reconhecidas (*New York Times*, *El País*, entre outros...), mantém-se claramente firme, mesmo em face de todos os desmandos perpetrados pelo atual governo brasileiro ilegítimo, que se alçou ao poder por meio de “escusas transações”, como já cantou Chico Buarque em outro contexto, mas tão lamentavelmente atual. E não se está aqui a fazer apologia a nenhum partido, mas a se reconhecer que o governo Dilma deu continuidade a importantes políticas públicas de distribuição de renda, de igualdade de etnia e gênero, entre outras medidas voltadas a minimizar a enorme desigualdade da sociedade brasileira, mas que estão, em brevíssimo espaço de tempo, ou já anuladas ou seriamente ameaçadas.

Em “O saber contra a fome”, a preocupação da cronista volta-se ao absurdo das mortes de crianças por inanição ainda hoje no mundo, quando “não faltam alimentos para nutrir todos os seus habitantes” (p. 131). Vera Duarte reconhece, assim, que o que falta são ações políticas efetivamente voltadas ao combate da miséria e da fome e, nesse sentido, cita o Brasil como referência:

Se os Estados fizerem a sua parte – e o exemplo do que está fazendo o Brasil com os programas bolsa família e fome zero é paradigmático – [...] estou certa de que serão realizados avanços seguros para a abolição da fome e da extrema pobreza no mundo (p. 143).

A crônica seguinte, e certamente não por acaso, intitula-se “Aleluias ao bolsa família”,

Criado durante a governação solidária do Presidente Lula, a nova Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, a primeira mulher a ocupar tal cargo não só nesse país continentais como no espaço da CPLP, já garantiu que o ‘bolsa família’ vai continuar e será ampliado. Isso enquanto cerca de 3 milhões de pessoas são atiradas para a miséria e a pobreza no mundo inteiro, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento (p. 134).

Do mesmo modo, reconhece a importância de políticas semelhantes em Cabo Verde:

Este é o ar que, felizmente, respiramos em Cabo Verde, país em desenvolvimento médio e pequeno estado insular, portanto também especialmente focalizado por este objetivo e que já conseguiu tirar cerca de 54 mil pessoas da pobreza extrema (p. 135).

Em “O que é felicidade?”, a crônica, publicada em janeiro de 2011, vem a propósito de uma reflexão sobre o ano que então se iniciava. O destaque ao Brasil é dado pela certeza da autora de que se trata do povo mais feliz do mundo – tanto mais após as conquistas sociais do povo “com o governo do presidente Lula”. Também os povos africanos são considerados os mais felizes, pois “se riem da própria desgraça”. Seja como for, para a autora, a felicidade não está no “consumismo ou esbanjamento”: “Felicidade é viver com amor no coração. Se acrescentar a alegria fica bom. E se juntar solidariedade fica ainda melhor”. (p. 138).

Colocadas assim sequencialmente (ainda que aqui recuperadas de forma muito sintética), essas crônicas que enfatizam as políticas públicas governamentais brasileiras e cabo-verdianas acionadas para diminuir os graves problemas sociais desses países requerem, nesse momento, uma reflexão difícil, dado o calor da hora em que se trava um grande retrocesso na agenda política do Brasil. Essa retração das conquistas populares progressistas em nosso país, entretanto, ganha mais claros contornos considerando-se as perspectivas críticas de Franck Gaudichaud(2015) ao examinar contextos mais amplos:

[...] los pueblos indo-afro-latinoamericanos y sus tentativas de construcción de gramáticas emancipadoras parecen encontrarse em un nuevo punto de inflexión. Un ciclo de mediana duración, social, político y económico parece agotarse progressivamente (p. 26).

Para o sociólogo citado, essa inflexão deriva de vários e complexos fatores, mas, sem dúvida, e concordando-se com suas reflexões, destacam-se os seguintes:

[...] es necesario mencionar, aunque no sea un problema exclusivo, la permanencia en todos los países progressistas de un modelo productivo y de acumulación donde se entrelazan, siguiendo varios grados e intensidades, capitalismo de Estado, neodesarrollismo y extractivismo de recursos primarios o energéticos, con sus efectos depredadores sobre comunidades indígenas, trabajadores y ecosistemas... Esatensión endógena se articula, de manera desigual y combinada, con un contexto financiero globalizado feroz y una clara ofensiva del capital transnacional como también de Estados del Norte y de algunos gigantes del Sur (comenzando por China) para acaparar tierras agrícolas, energía, minerales, agua, biodiversidade, mano de obra, em una vorágine que pareciera sin fin... hasta las últimas gotas de vida (p. 28).

A essas tensões e contradições deve-se ainda, considerar:

[...] la ofensiva de las diversas derechas empresariales y mediáticas, y de las oligarquias de la región que siguen controlando – en el plano político – ciudades, regiones y países claves, amenazando de manera constante los derechos conquistados en la última década, e incluso se muestran listos para organizar golpes de Estado (Paraguay, Honduras, Venezuela) o múltiples formas de desestabilización, con el apoyo explícito o indirecto de EEUU (p. 29).

O golpe no Brasil, no fatídico 31 de agosto do corrente ano, infelizmente, agora faz parte dessa lista apontada por Gaudichaud, reforçando a lucidez de sua análise de conjuntura. E não é de se estranhar, portanto, que, pelo mesmo viés crítico, o partido de centro direita de Cabo Verde, o Movimento para a Democracia (MpD), tenha vencido as eleições legislativas em março também desse ano³.

Diante desse quadro, a última crônica dessa subseção do livro de Vera Duarte, intitulada “Uma parceria para os Direitos Humanos”, traz ecos de esperança ao futuro, considerando-se esse recentíssimo passado por ela resgatado. O texto narra o importante prêmio concedido pela Câmara Municipal de Natal, no Brasil, à Comissão Nacional para os Direitos Humanos e Cidadania, de Cabo Verde, que a autora então presidia em 2005: “interessante é o fato de ser esta a primeira vez que uma organização não brasileira é condecorada” (p. 149). Vera Duarte sublinha, ainda, a relevância de ser a cerimônia também em homenagem ao poeta cabo-verdiano radicando no Rio Grande do Norte, Luís Romano, “um histórico militante da luta pela liberdade do povo cabo-verdiano” e unanimemente

³ Entretanto, carecemos ainda de dados mais sistematizados e atualizados sobre os impactos desse novo governo no país insular.

reconhecido no âmbito as letras de Cabo Verde do século XX. Assim, conclui: “[...] saudamos com o maior entusiasmo esta parceira Brasil/Cabo Verde também no âmbito dos Direitos Humanos, a dar-se as mãos com a literatura” (p. 150).

Com a antepenúltima crônica, finalizam-se as considerações sobre essas leituras do Brasil da autora cabo-verdiana. Em “Você, Brasil, mim CabVerd”, Vera Duarte destaca as três estações que, do seu ponto de vista, marcaram o processo das relações entre Brasil e Cabo Verde: a primeira, seria a “estação da dor”, durante “o período da colonização e do tráfico negreiro, estação da humilhação, vergonha e sofrimento, que pôs em contato os dois povos, deixando naturalmente marcas em ambos”, mas esta foi a “viagem feita no sentido Cabo Verde Brasil” (p. 142).

A segunda estação seria a “da assimilação”, quando os cabo-verdianos passaram a ver o nosso país e chegaram a aspirar a independência “juntamente com o Brasil, para a ele nos anexarmos, sendo que a estrada do Atlântico se fez praticamente num só sentido, Brasil-Cabo Verde. Foi Cabo Verde a descobrir e querer assimilar-se ao Brasil” (p. 142).

A terceira, para a cronista, seria a “estação do amor”:

[...] estação atual, em que o Brasil ‘(re)descobriu’ Cabo Verde como uma entidade em si, as relações se tornaram de parceria, os olhares se cruzaram do Brasil para Cabo Verde e vice-versa, tornando-se o Atlântico uma estrada de levar e trazer (p.142).

E conclui:

Que as relações entre Brasil e Cabo Verde continuem a se estreitar para que possamos continuar a colher uns dos outros as melhores políticas e as melhores práticas em áreas tão fundamentais da vida como a Literatura e Direitos Humanos (p. 143).

Esse desejo e reconhecimento da necessidade de maior reciprocidade entre os países de língua portuguesa também está presente na avaliação de Benjamin Abdala Júnior (2012, p. 13) a respeito das limitações da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) na atualidade: tanto essa instituição quanto as Cimeiras ibero-americanas “são ainda muito protocolares e têm permanecido aquém das interações que se efetivam de fato, quando politicamente essas ações poderiam ser incrementadas ainda mais, com projetos prospectivos, de maior abrangência, que potencializassem iniciativas individuais ou comunitárias’.

Nas crônicas da autora cabo-verdiana encontra-se, justamente, a afirmação dessa vontade do encontro para transformações efetivas, um posicionamento que, seguindo-se ainda Abdala Jr. (2012, p. 16), pode-se definir como “otimismo crítico”: “Neste momento de crise e

de repactualizações políticas, tornam-se importantes atitudes pautadas por otimismo crítico. Acreditar que o mundo possa ser diferente e melhor do que ele é”.

Tanto mais haveria a mostrar dessa pena ao mesmo tempo suave e crítica de Vera Duarte; para esse momento, entretanto, cita-se apenas o final da última crônica de *A palavra e os dias*, pelo tanto que explicita sobre a concepção da autora a respeito desse ofício tão responsável, prazeroso e desafiador da escrita:

Sei lá se é fácil escrever...O que sei é que, sempre que puder e souber, irei trocar por letras de imprensa essa extraordinária sucessão de guerra e paz, fome e fartura, choro e alegria, que é a vida da gente. (p. 191).

READINGS OF BRAZILIN VERA DUARTE'S CHRONICLES

Abstract:

The relevance of Brazilian literature to the Portuguese-speaking African literature is a consensual issue in all approaches to the topic. This referentiality is also present in the latest book of chronicles of Cape Verdean writer Vera Duarte, *A palavra e os dias* (2013), in which the section "Brazil", subtitled "sister nation" section, is particularly relevant. In this work, we present Duarte's reflections on our country in the above mentioned work, stressing the historical-cultural approaches between the Brazilian and Cape Verdean productions, and also, very especially, the literary ones. The study, eminently bibliographical, lies in the theoretical and critical field of prospective comparatism and intends to contribute to research that (re)affirms the need for increasing cultural reciprocity among the Portuguese-speaking countries.

Keywords: Cape Verdean Literature; Narrative; Prospective comparatism.

REFERÊNCIAS

ABDALA JR., Benjamin. *Literatura comparada & relações comunitárias hoje*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012.

BRITO-SEMEDO. *Esquina do tempo*. Disponível em: <http://brito-sembedo.blogs.sapo.cv/96705.html> . Acesso em: jan./2016.

CANDIDO, Antonio et. al. *A crônica – O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

COUTO, Mia. *Sonhar em casa*. In: _____. *E se Obama fosse africano? Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DUARTE, Vera. *As palavras e os dias*. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

GAUDICHAUD, Franck. Prefácio: los movimientos populares y lãs contradiciones de los “progressismos” suramericanos. In: _____. (Ed.). *América Latina: emancipaciones em*

construcción. Santiago, Chile: América em movimento Editorial; Tiempo Robado Editoras, 2015.

MACEDO, Tania. A presença da Literatura Brasileira na formação dos sistemas literários dos Países Africanos de Língua Portuguesa. In: ABDALA JR. Benjamin (Org.). *Estudos Comparados – Teoria, crítica e metodologia*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014. p. 443-478.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1987.